

IN MEMORIAM

ALFREDO ELLIS JÚNIOR (1896-1974).

CECY DE SOUZA MORAES

Licenciada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O Professor Alfredo Ellis Júnior foi o primeiro catedrático em Ciências (História) da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, da qual foi o primeiro Diretor, como Professor Catedrático da própria Instituição. Pessoalmente foi o primeiro professor que contactei ao prestar exame vestibular nos idos de 1939.

Ao receber da minha ex-colega, ora secretária deste periódico, a incumbência de ancorá-lo na linha de frente dos mestres fundadores da nossa Casa, senti o impacto de uma imorredoura gratidão. Ainda a premência do tempo e mais ainda a realidade de minhas pobres limitações.

Em se tratando de um inesquecível Mestre de todos nós, recorri a muitos de sua legião de admiradores e, mais insistentemente aos depoimentos recém escritos dos professores Manuel Nunes Dias e Odilon Nogueira de Matos, credores do que houver de válido nestas notas improvisadas.

Quanto à minha lembrança do saudoso amigo e professor, de olhos imensos, sempre com a insubstituível gravata borboleta, com aquela barba ruiva a documentar a ascendência saxônica, não a posso traduzir em palavras, e somente recorrer ao modelo das biografias famosas.

Filho do Senador Alfredo Ellis e de Sebastiana Eudóxia da Cunha Bueno Ellis, nasceu aos 6 de junho de 1896 em São Carlos — interior do Estado, onde por algum tempo, serviu como Promotor Público, credenciado pela tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Veio a falecer nesta Capital, numa tarde fria de quinta-feira, santificada pela Igreja e endossada pelo Estado, — 13 de junho de 1974 —. Na mesma bela casa da rua Estados Unidos, sempre aco-

lhedora aos alunos que o buscavam, solicitando orientação para trabalhos didáticos. Em continuação aos encontro tanto na sala de aula, depois na Diretoria — cujas portas sempre abertas causavam perplexidade aos egressos de outras faculdades da Capital. Naquela casa de onde saía, após uma aposentadoria por insidiosa moléstia em 1952.

Homem de ação, sempre presente nos acontecimentos marcantes da História Pátria, encontramos-lo liderando setores da vanguarda legalista, em 1930. Dois anos depois, viveu a insuperável epopéia Constitucionalista Paulista, combatendo heroicamente na frente revolucionária, até cair ferido nas proximidades do Vale do Paraíba, precisamente nos arredores de Cunha, junto ao Espigão do Divino Mestre. Entretanto a Política que já o havia enfeitado, manteve-o no tradicional PRP (Partido Republicano Paulista) sob cuja legenda militara em várias legislaturas até 1930 e continuaria a militar como Deputado Estadual, servindo de 1934 a 1937.

No contexto cultural do País, a Universidade de São Paulo e sua raiz a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada por um Ato memorável do então interventor Armando de Salles Oliveira, era um dos alvos preferidos pela crítica dos perrepistas, tanto na tribuna da Câmara, como na tribuna jornalística do periódico o *Correio Paulistano*. Os interessados na leitura ideológica dos editoriais do lustro: 1933-1938, sentiriam a tônica desses ataques: a contratação de professores estrangeiros para a regência de cursos na recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Um parêntesis curioso — ainda hoje — alguns professores concursados que demandam escolas do interior do Estado, ainda são vítimas de igual “ranço” d’aqueles conterrâneos, pelo “crime” de substituir professores leigos, nomeados pelo compadrismo local.

Nos idos de 1937, com a ascensão ao poder do partido agressivo à Faculdade de Filosofia, planejou-se-lhe a completa extinção. A fim de que o processo tivesse um beneplácito local, nomearam-lhe um interventor de manifesta hostilidade — autor de trabalhos históricos de vanguarda, — Dr. Alfredo Ellis Júnior. Paradoxalmente verificou-se que “*Deus escreve direito por linhas tortas*”, pois o Dr. Ellis de temperamento apaixonado e autenticamente corajoso, acabou brigando com os seus ex-correligionários e se transformando em lídimo paladino e defensor da jovem instituição universitária. Poder-se-ia afirmar que na gênese da continuidade da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, está a vontade firme, intemerata, sugestiva de seu primeiro Diretor. Porquanto indicado pelo Colendo Conselho Universitário para substituir o Dr. Afonso d’Escragnole Taunay, no Curso de História da Civilização Brasileira, aceitou com a condição de abertura de concurso. Alguns meses depois, o ex-perrepista, conquistou por direito re-

conhecidamente oficializado, a cátedra universitária, com a defesa de uma tese revolucionária: “*Meio século de bandeirismo: (1950-1640)*”. Na secção de Geografia e História, foi o segundo catedrático, pois o igualmente saudoso *Plínio Ayrosa*, já o havia antecipado na cátedra de Etnografia do Brasil e Língua Tupí-Guaraní.

O efetivo exercício da cátedra não foi um posto de tranquila segurança para o primeiro titular de História da Civilização Brasileira. Antes e mais ainda ao se dedicar integral e altruisticamente à docência e à pesquisa, o Professor Alfredo Ellis Júnior, publicou uma série invejável de livros, ensaios, artigos que excelentes e originais, o projetam como cientista social, dentro e fora do país.

Na impossibilidade de arrola-los — cerca de noventa, — desejo encerrar estas notas com o depoimento de um outro historiador, pois toda uma legião de alunos de ontem e de hoje, prazerosamente endossamos: Nelson Werneck Sodré, em crítica bibliográfica veiculada no mesmo jornal onde nosso homenageado pontificou durante vários anos, — o centenário *Correio Paulistano*, afirma:

“Alfredo Ellis Júnior, longe de admitir como verdades estabelecidas as que foram escritas no passado, a respeito dos problemas históricos de nossa gente, e longe de portar-se, como soldado atrás de uma trincheira, atrás de suas verdades, como se elas não fossem passíveis de debates, de dúvida e de discussão, vem procedendo ele próprio, a uma revisão singular nos métodos de reconstituição histórica, mostrando, só por isso, não houvesse no seu trabalho de tantos anos outras qualidades, que a sua organização, o seu método, e sua maneira histórica de fazer história é digna do melhor apreço, é mesmo a única maneira que se pode aceitar em um professor universitário para o qual a verdade não é um pilar de alvenaria, nem as conclusões já hauridas podem ser aceitas como infalíveis”.

* * *

CECY DE SOUZA MORAES, nasceu em Cruzeiro (Estado de São Paulo), onde fez os estudos secundários. Licenciada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, integrou a turma de 1939, a mesma do saudoso mestre Professor Aroldo de Azevedo.

De início lecionou em colégios particulares de 2º grau, dos quais se desligou, em virtude de seu casamento com o então professor de matemática e física, o cientista Abrão de Moraes. Passou a dedicar-se integralmente ao lar, à família, não descuidan-

do leituras específicas, discutidas, analisadas de mãos dadas com o esposo, expoente de ciências exatas. Diretor do Instituto Astronômico e Geofísico da Universidade de São Paulo, Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Politécnica, Livre-Docente em Mecânica Racional e Professor Catedrático pela mesma Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. O professor Abrão de Moraes, falecido nesta Capital aos 11 de dezembro de 1974 foi considerado um dos mais respeitados nomes no campo de sua especialidade.